

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1916

ANO I—N.º 4

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1400 SEMESTRE . . . 750
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEFONE 2337-C. — LISBOA

NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

II

ENTRAMOS enfim no campo pratico, e d'esta vez parece que os desejos de quantos se interessam pela marinha mercante vão ser satisfeitos.

Os navios alemães apropriados, foram agora passados definitivamente á posse do Estado, conforme o decreto do *Diário do Governo*, e os autos de apreensão lavrados a bordo de cada navio.

Assim já os barcos, podem ir aos portos neutros sem receio de complicações diplomaticas.

Parece tambem que se pôs de parte a ideia de abrir concursos, entregando os navios a uma empresa particular, para ella fazer umas carreiras de ensaio para o Brazil por responsabilidade do Governo Portuguez.

Seria motivo para nos regosijar se os vapores fossem entregues á Empresa Nacional de Navegação, uma companhia já montada e cuja administração e competencia tecnica está subejamente demonstrada no desenvolvimento que tem dado ás suas linhas d'Africa.

Sabemos muito bem, que muita gente supõe que o progresso da Empresa Nacional vem do monopolio das carreiras para a Africa, mas a isso temos a responder que na costa Oriental, a cabotagem é livre, e os seus vapores conseguiram bater a cabotagem alemã, tendo ao rebentar a guerra europeia, na costa de Moçambique cinco magnificos vapores que faziam quasi todo o trafego local.

E se não fosse a incuria dos governantes d'este paiz, já os seus vapores tinham ido á India, e o Canal de Suez já tinha ali visto passar, os

vapores da carreira da Africa Oriental em competencia com a linha Alemã.

Posto portanto n'este caso de carreiras de ensaio para o Brazil, é de crer que dentre pouco tempo d'ellas nasça uma poderosa carreira, que nos venha dar, o lugar no entercambio com o Brazil a que temos direito.

Não se suponha porém, que phantasiámos o aniquilamento da marinha estrangeira, com a nossa navegação. De maneira nenhuma. O desenvolvimento do trafego de passageiros e de mercadorias entre a Europa e a America do Sul foi nos ultimos anos de tal importancia, que nunca uma linha portugueza, por maior desenvolvimento que ella tivesse, podia afectar a navegação estrangeira.

Muita gente ignora como se fazia antes da guerra, no Brasil, no Rio principalmente, a marcação dos lugares a bordo dos paquetes com destino á Europa, que era feita com 3 e ás vezes com 6 mezes de antecedencia.

Isto é a prova absoluta da importancia do trafego Europa-America do Sul; tanto mais que o numero de toneladas e vapores para o Brasil chegou a elevar-se em meia duzia de anos ao quadrupulo, havendo 16 a 20 vapores por mez!

A carreira portugueza, virá porem trazer para nós um grande beneficio pois alem da regularisação do preço dos fretes, trazer-nos-ha, tambem, a natural importancia ao porto de Lisboa, como ponto *terminus* de uma derrota, o que é de superior importancia para o nosso admiravel caes da Europa.

Não suponham porem os pessimistas, que os hossos vapores apesar de

modestos, relativamente aos grandes transatlanticos, não terão concorrencia. Podemos mesmo afirmar que nunca tarão um lugar vago. O brasileiro, e especialmente o portuguez residente no Brazil, não tem aquella febre do conforto e velocidade que assalta o americano, qualquer vapor em regulares condições de comodidade o satisfaz.

Vimos nós o paquete *Cap Trafalgar* com camarotes vazios, e o *Sierra Nevada* a trasbordar de passageiros.

Depois ha uma coisa com que é preciso contar, o patriotismo, nunca desmentido dos portuguezes no Brazil, só quem não viu, a fé patriótica com que elles visitam os nossos cruzadores, quando ali vão, é que pode julgar o contrario.

A bordo da canhoneira «Patria» vimos nós fazer verdadeiras locuras. Por exemplo um visitante foi apanhado a cortar pequenas lascas de madeira da amurada do navio e guardar como reliquia, isto á falta de melhor recordação.

Por isso nada ha a racear quanto ao futuro da carreira nacional, os factos em pouco, demonstrarão o que aqui expomos.

A nosso ver a linha do sul actualmente não deve ir alem de Santos e deve tocar tambem na Bahia e S. Vicente, n'aquella, porque a colonia portugueza é numerosa, e n'este para lhe garantir carga de regresso, pois que os productos de Cabo Verde podiam ser transportado n'estes vapores, aliviando assim os navios da carreira africana.

E' certo que se pensa em fazer de Lisboa o porto franco dos productos brasileiros na Europa, o que é de elevadissimo alcance para nós e para o desenvolvimento do nosso comercio com o Brazil, mas parece-nos que isso ainda vem longe.

Quanto á carreira do Amazonas, muito necessaria é tambem, e é de crer que a Comissão dos Transportes Maritimos a não tenha descuidado, pois que a sua realisação virá acabar de preencher a lacuna do nosso trafego com o Brazil.

Tanto o Pará como Manaus teem um commercio relativamente importante com Lisboa e Porto, commercio esse que teve grande importancia quando

da linha de navegação portueense «Andressen» mas que tem vindo n'uma decadencia pavorosa.

Ao entrar na machina o ultimo numero da nossa revista, vimos nos jornaes, que a Companhia Holandesa resolvera voltar a fazer escala

pelo porto de Lisboa. Regosijamos por dois motivos, primeiro por a vermos novamente em Lisboa, e segundo por ter ela voltado sem ninguem lh'o pedir e ter-se convencido que o porto de Lisboa não tem rival no ocidente e que nós portuguezes tivemos o brio necessario para não nos humilharm'os ao visinho porto hespanhol de Vigo.

GUERRA MAIO

A NOSSA TERRA E A NOSSA GENTE

TAL foi o thema escolhido pelo distincto escriptor sr. João Rocha, illustre chefe de gabinete do actual presidente do Governo, para a interessantissima conferencia que recentemente realisou nas salas do Centro Evolucionista de Lisboa, perante um numero e selecto auditorio.

A «Revista de Turismo» honra-se sobremaneira ao pedir venia para archivar nas suas columnas um extracto d'essa conferencia, que foi, por assim dizer, um hymno consagrado á nossa terra e ao nosso lar, tendo aqui, portanto, todo o cabimento:

PORTUGAL. TERRA DE ENCANTOS

Como se a natureza antecipadamente quizesse oferecer um escriptorio de joias de beleza superior á gente ousada e heroica que deste recanto pequenino da velha Europa saiu para descobrir e dominar, em dias de immortal gloria e sorte plena, o mundo inteiro, na terra portuguesa há todas as modalidades da paisagem e da expressão. Começa ela n'um sorriso de encanto: o Minho; termina n'uma canção de luz: o Algarve. Duas balizas de notavel relevo substancial, porque são duas

manifestações naturais dos favores de uma Providencia que tanto regula as órbitas e as rotações dos astros como as acções e o futuro dos entes. Admiravel e singular manifestação de que



todas as nossas dúvidas devem ficar enlaçadas entre a alvorada da esperança, que é o sorriso, e o meio dia da vitória, que é a canção.

O sorriso brota da Terra espontâneo com um intuitivo impulso genésico, e allora ao rez-do-chão fertil, ou mesmo no pincaro dos penhascos musgosos, abrindo-se em águas claras, em planaltos de panoramas multicóres, em campinas verdes e macias, em ondulações de pinheirais discretos, em vales profundos entre montes amigos com aldeias de casinhas brancas, como brancos dentes de uma bôca moça. A canção ergue-se para o sol com a alegria franca de uma risada rítmica, e vai perder-se ao longe no mar atlantico, acompanhando o astro amado no seu giro divino, ao tilintar dos chocalhos das alfarobas, dos badalinhos dos figos, da pipilante algaravia do deserto falar algarvio, a que se junta o afago do marulhar das ondas, do oceano ingente.

Do sorriso a canção toda a gama espontânea do gesto, do som e da luz se mostra. E' já no Douro um fran-zir de labios on-de apparece o tra-var 'da primeira luta, a amargura de uma primeira desilusão, o suspiro indeciso e contraído da primeira saudade. Nos montes há ainda maleabilidade e doçura, uma vegetação exuberante que é como uma cabeleira moça, sem grandes calvas nem manchas encanecidas,

SERRA DA ESTRELA
UMA CASCATA

mas os rios cavam-se mais fundo nos impetus das correntes sertanejas, á maneira de rugas numa fronte por trás da qual o pensamento labora. Depois, ao entalar-se em Hespanha, para Traz-os-Montes, o sorriso apaga-se, o franzir dos labios encrespa-se, as rugas engellem-se, os dentes da boca surgem acavalados, negros, quasi roídos de carie, e toda a terra grita um treno de dôr tragica, onde há mais blasfemias e desesperos do que resignação e paz.

Da Serra da Estrela ao litoral, a Beira desce a escala que vai das revôltas scenas ás submissões amorosas. E' rude e agreste nos confins de Trás-os-Montes. Corre como para um salto e esbate-se n'um pasmo extático de neve branca pelos Herminios augustos, onde lagôas, como olhos, segregam fios de lágrimas, rios que depois se alastram n'um largo e brando choro pela ria de Aveiro e pelos salgueirais do Mondego até á Figueira da Foz. Tal se nos antolha a escriptura nupcial de Portugal com o Atlantico.

Nas suas campinas ribatejanas, na Borda da Agua, no Cartaxo e para a outra banda tambem Extremadura parece ter-se recolhido aos primeiros encargos d'esse casamento de amor e de luta que delinhou o destino de todo o país. Aí, e pelo resto da região, entre cultos hiatos de prazer, geme ou põe-se a murmurar. Sofreu já da vida os combates rudes. A experiencia abateu-lhe os impetus violentos. Mostra pouca alegria, um fatalismo quieto e quasi indifferente, mas tem um aspecto de ruína a sua fisionomia rural. A's vezes, sacode-se em convulsões de soluços, porque é na nossa terra metropolitana o coração dos terramotos. Tambem não raro se isola, como o alto Alemtejo, em que parece haver um estertor de agonia e uma funda saúde de bens que desapareceram, mas tem assomos de prazer, como disse, na vida intensa que a civilização lhe

dá; e para o mar—e tambem para o Tejo, o Nilo dos portugueses, no dizer de Garrett,—volta-se em risos claros como as velhas amantes de quem não fugiu de todo a esperança.

Na pequenez do país, o Alemtejo surge enorme no vasto descampado, planura sem fim, charneca sem fim, melancolia sem fim; e é como a figura de um pastor biblico que depois de arrotear a terra se deita ao sol, na paisagem canicular, para que mais á vontade o seu rebanho paste. Em Portalegre concentra-se, em Evora evoca o passado, sente-se mais só em Beja. Mas a meditação do Alemtejo não é

o seu lar, o varandim florido donde tanto tempo a Europa extasiada contemplou as lutas gigantescas do David português com o Golias atlantico. Por outras partes, por todo o mundo, os que aqui nasceram se estenderam, descobrindo, combatendo, colonizando, de sorte que bem poderá dizer-se não haver em todo o planeta paisagem de beleza. recanto de mistério, agua de tormenta ou sequer areal adusto e mortal que os seus olhos não contemplassem.

JOÃO DA ROCHA.



ALTO MINHO
PONTE FEIA, SOBRE O RIO HOMEM

estéril nem desanimadora. Como a alma do habitante, a alma da Terra possui recursos singulares. A energia própria dá ensejos de ressurreição ao Lazaro cataleptico. E, estendendo os membros para o sol e para o sul, a terra portuguesa volta no Algarve a cantar e a rir.

Ah! A terra portuguesa da Europa é já de si bela como um amor. Ingenua e franca, cariciosa e fresca, fértil e ardente, pequenina e cheia de vida, com uma atmosfera leve e ondulante como um véu de imagem, assetinado e alvaco, com debruns de azul finissimo a norte e a sul, nem mesmo nas suas imprecações perde a fé que a anima e a confiança no amparo da Natureza mãe.

Mas esta é a metrópole, é o quintalejo acanhado onde Portugal guarda

AFLUENCIA DE VIAJANTES HESPAÑHOES

CERTAMENTE motivado pelo extraordinario valor da peseta em Portugal, teem este ano vindo muitos hespanhos ás nossas praias, nomeadamente á Figueira da Foz.

Para as corridas de touros n'esta cidade, organisou-se comboios especiaes da linha de Salamanca, o que deu uma concorrência para mais de 1.500 excursionistas.

Para esta frequencia concorreu muito as facilidades dadas pelo governo portuguez, pois exige apenas para a entrada no nosso paiz uma cedula passada pela auctoridade local.

A "CASA PORTUGUEZA,"

EXISTE, realmente, a «casa portuguesa»?

Dizem uns que sim e outros que não, como, em geral, succede em todas as controversias.

Nós nem afirmámos uma, nem outra cousa... vamos a dizer: «antes pelo contrario».

Mas, vamos explicar-nos.

Se a «casa portuguesa» não existe, ha, porém, bastantes elementos dispersos por todas as nossas provincias, para a *reconstituir*.

Encontram-se nas diversas terras das

dedicarem ao estudo do assunto; ou faltar-lhe-ha o tempo, visto que o tem de dedicar especialmente á aquisição dos meios de vida?

A nós parece-nos que tudo se poderia reconciliar, dando ao estudo da arquitectura no nosso paiz outra orientação, fazendo com que os alunos ao passo que vão estudando desenho, historia de arte, ornamentações, anatomia e quejandas coisas muito uteis, visitassem em missões de estudo, todos os annos, as nossas provincias, mais notaveis em especimens de arte archi-

tas nossas avenidas que estão noutro paiz, que não seja Portugal.

Mas, a culpa em grande parte, é dos proprietarios. Querem «vilas» francezas ou italianas; «cottages» ingleses; «chalets» suissos, etc., mas, o que não querem é «casas portuguezas», com honrosas excepções...

E, ha-as, felizmente, pois, como protesto contra o estrangeirismo que nos avassala em tudo, já tem apparecido e vae apparecendo, quem queira a casa nacionalisada, como tudo o mais que seja suscetivel de se nacionalisar.

Já vemos em diferentes pontos do paiz, casas novas, de estilisação tradicionalista, que alegram a vista e o coração ao defontrar-nos com ellas.

E, bem perto, temos um exemplo, na linda casinha da rua oriental do Campo Grande, junto ao Asylo de D. Pedro V.

E' a linda vivenda propriedade do sr. Cruz Magalhães, distinto escritor, poeta e artista. A mais' disto, um patriota e benemerito.

Com todas estas belas qualidades, não podia deixar de querer para si uma «casa portugueza, como elle.

Demais, a linda casa que em gravura reproduzimos, é doada depois da morte do sr. Cruz Magalhães, á cidade de Lisboa, representada pela sua Câmara Municipal, a fim de que no rez do chão seja estabelecida uma escola de instrução primaria para o sexo feminino e no primeiro andar, o muzeu Bordalo Pinheiro, já instalado, e aberto ao publico no domingo 6 do corrente, sendo o producto das entradas a favor da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha Portugueza.

Não cabe nos acanhados limites d'esta simples noticia, o dizermos o que é o bello Museu Bordalo Pinheiro, que, por amavel convite do seu illustre organisador, já vimos ha pouco tempo, acompanhado de dois amigos. Ali se revela a inteligencia, espirito investigador e grande paciencia do sr. Cruz Magalhães, que é além disto um esforçado trabalhador.

Pois a sua linda vivenda, com a sua interessantissima janela de angulo, suas alpendradas, o conjunto, enfim, bem portuguez, mostra o bom gosto artistico do sr. Cruz Magalhães, que já é bem conhecido, por certo, da maioria dos nossos leitores pelos atos benemeritos que dia a dia vem praticando, e que a resenha dos periodos diarios a meudo menciona.

A nossa gravura representa a fachada principal da casa e pena é não a termos da fachada posterior que tambem é muito interessante, com o seu jardim de inverno, e o seu alpendre largo sobre o bem cuidado quintal e jardim, onde estão instalados os mais belos



CASA DO SR. CRUZ MAGALHÃES
NO CAMPO GRANDE

provincias as lindas janelas de angulo, de mais de uma forma. Umas, com colonelo e seu artistico capitel no cunhal mesmo, outras sem o ter. Encontram-se varandas largas, cobertas ou alpendradas, á frente das casas; outras apenas com os beirais dos telhados muito salientes, como alpendrando todo o predio.

Vêm-se tambem as escadas exteriores, a descoberto até ao patamar da portada, mas, neste o alpendre, cobrindo-o todo, e sustentado por colonelos com capiteis trabalhados. Outras vezes, a cobertura ou alpendre do patamar superior, vem desde o patamar inferior, onde começa a escada, tambem coberta.

Existem em muitas casas das provincias as janelas *geminadas*; outras com *padieiras* lindamente trabalhadas. Não são tudo isto elementos para a «casa portugueza»?

Parece-nos que sim.

Pena é que os nossos artistas architectos, não tenham tendencia para se

tectonica, monumental e particular.

Parece-nos um contrasenso, que depois dos alunos concluirem os seus cursos de arquitectura nas Escolas de Belas Artes do paiz, os mandem para França *aperfeiçoar-se*, sem conhecerem o que existe no paiz, depois de os terem feito estudar pelos modelos francezes, dando em resultado que nos exames finais apresentam belos modelos classicos de um *Museu*, ou de um *Palacio de Festas*, ou de um *Panteon para homens illustres*, ou de um *Circo equestre*, tudo de cunho genuinamente francez!

Depois, regressam á patria já *aperfeiçoados*, mas com a bagagem artistica franceza e toca a fazer projectos como se estivessem a trabalhar na França para proprietarios francezes!

Ora isto é que é precioso acabar de vez. E' necessario que os estrangeiros que nos visitam não suponham ao ver

exemplares de cães de raça que temos visto, oriundos da Serra da Estrela.

Interiormente, a casa tem a disposição que o seu proprietário entendeu mais conveniente para o fim a que a destina: *Escola e Museu*. Assim, no rez do chão ha casas amplas, com as dependências necessarias para uma escola. No primeiro andar, são as salas como se usa dispôr para Museus, isto é, com a luz no tecto. A parte posterior deste andar é destinado para habitação da professora da escola.

O assunto *casa portuguesa apaixonou-nos*, e fomos estendendo... estendendo a mal alinhavada prosa, de forma que nos tornámos maçador, e por isso pômos ponto, prometendo, se o diretor desta revista o permitir, voltar a tratar da casa de habitação em Portugal, pugnando por que se «nacionalise», empregando artistas e proprietários toda a sua boa vontade e todos os seus esforços para tal se conseguir.

SERALOCSENUN

PAISAGENS PORTUGUEZAS

PRAIAS E BANHISTAS

PRAIAS, é um erro. Em Portugal não ha praias, ha só uma.

Pois a isso se deve chamar a toda a nossa costa marítima, onde o mar, n'uma extensão de mais de duzentas leguas, banha com doçura uma areia foira e fina como polvilhos de ouro: aqui e além cortada por penedias artisticamente rendilhadas, para nos dar alguma coisa do que de belo possui a costa da Normandia.

Se passarmos revista desde o Minho até ao Guadiana, quantos recantos de luxo e prazer encontramos no nosso caminho? Logo a baixo de Caminha, temos a encantadora praia de Ancora, cujo nome simbolisa bem a firmeza com que prende os seus banhistas, obrigando-os a voltar no ano seguinte.

Mais adeante, a burguezia e sonhadora Povoia, burguezia pela sua clientela minhota e transmontana, que ali

tina que nos guiou á India, ao Brazil e ás outras longinquas paragens onde se asteou a bandeira das quinas.



Em seguida temos Vila do Conde, triste e amuada com a sua vizinha Povoia, por esta lhe ter tirado o berço embalado esse em que ella julgava ter

PRAIA DAS MAÇAS

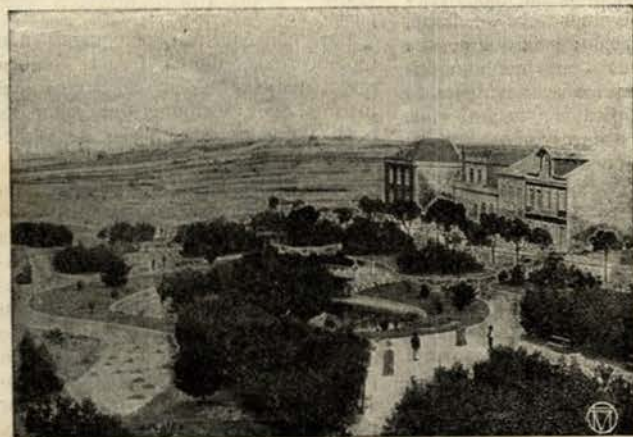
architectura portugueza.

Espinho, velho e cosmopolita, onde vão banhar-se, na sua praia, que o mar tem investido com furor, no mais doce convívio uma miscelânea de banhistas, ricos, pobres, artistas, lavradores, funcionarios publicos, desocupados, vadios e perdularios.

Mais além, sobre uma saliência de areia, divisa-se o Furadouro, com os seus moinhos de vento que uma brisa ligeira faz voitar, e onde pela manhã se divisam, sob o fato de banho, os seios tumidos e esphericos, das ovarinas de olhos grandes e tornezelos de jaspe.

Mas deixemos as praias da Costa Nova, e da Torreira no seu silencio, para que as moças do Vouga, nymphas lhe deviamos chamar, mostrem apenas ao sol risonho, que disposta no horizonte, as formas do seu corpo escultural, e para que o Deus Oceano possa só elle, ouvir as suas baladas, canções de volupia ou de desengano.

Vamos á Figueira da Foz, ver entre as camadas de *snoibistas* ondular uma

VILA DO CONDE
PRAIA E JARDIM PUBLICO

ratura portugueza podia ter desabrochado.

vae esquece-se das serranias, sonhadora pelos seus poveiros, valentes e audazes homens do mar, em cujos olhos nos parece ver, a estrela vespe-

avalanche de hespanholas, que ali veem refrescar-se dos calores de *Castilla*, e deixa-nos por um momento a alegria e a candura da sua voz de crystal.

Mais para o norte, Buarcos com as suas casinhas rentes do chão, convida os pacatos a banhar-se na sua praia, recatada e modesta.

Transposto o Mondego, encontramos S. Pedro de Muel, a Vieira, S. Martinho do Porto, esta abrigada na sua concha contra as fúrias do Oceano. E se sairmos ao mar, temos que nos recordar da Normandia ao ver os enormes rochedos que abrigam a Nazareth, e que afastam quasi a areia até á Ericeira, e depois até á encantadora Praia das Maças.

Ali as penedias afastaram-se um pouco, para que a areia podesse repousar na pequena caldeira, e os po-

vos de Colares e Cintra, completassem a felicidade, na sua paisagem verde e macia, com a delicia dos banhos do mar, na pureza do Atlantico.

Agora por uma extensa praia, tendo deixado o Tejo, vamos dar á Praia da Rocha, em Portimão, unica no genero em Portugal, pois os rochedos não se limitaram a afastar-se para que a areia cobrisse a terra, mas deram-lhe abrigo, recuando como que em dois braços abertos, para que o vento norte não arrepie os seus banhistas.

Temos ainda para além, Armação de Pera, onde o mar disputa o azul sereno do Ceu, e por fim Monte Gordo, á beirinha do Guadiana fecha como que n'um beijo, a extensa praia de Portugal.

GUERRA MAIO

O TURISMO EM PORTUGAL

PARA haver turismo é preciso haver turistas; e *turistas* é uma cathogoria de gente que recebeu educação n'um meio absolutamente diverso do nosso, onde se é pratica e delicadamente educado, em que a educação nos é facultada como um regosijo para o espirito e não como um pezado fardo de que — em boa verdade — quasi sempre pouco proveito extrahimos.

Nos paizes onde se ministra uma educação sádia, intelligentemente dirigida, ensina-se a amar a historia Patria, que é a vida dos nossos antepassados; e levando os filhos, os discipulos e os tutelados ás paginas vividas d'essa historia, transporta-se-lhes assim — e d'uma forma a mais racional, ao espirito em formação, todo o principal recheio d'esse compendio, que em todas as escolas do mundo deve ser considerado o primeiro.

A seguir — e instinctivamente, vem a apreciação das coisas, o gosto pela arte, o amor pela esthetica. Vem, tambem, o que se poderá classificar de egoismo visual e ancia do espirito em conhecer novos horisontes, outros motivos, mais aspectos. E no decorrer da vida educados na pureza do conservantismo, vae-se pouco a pouco, gradualmente, desenvolvendo a intelligencia, robustecendo-a em continuas lições praticas; prepara-se a selecção da sociedade pelo grau de conhecimentos uteis e proveitosos, polindo a nossa sensibilidade pelas diferentes manifestações da Arte, apurando a nossa vista pelo estudo e confronto das paysagens, incitando o amor pela

conservação dos trechos historicos, parallelamente com o desenvolvimento de attractivos, com o estudo das comodidades, até a propria propaganda pela palavra ou pelo livro, nas descrições entusiastas, cheias de cor e de expressões convincentes, das bellezas que existem, dos encantamentos que se encontra, do bem estar paradisiaco que se disfructa.

Isto passa-se nas sociedades essencialmente cultas, civilisadas e bem educadas, onde mais se procura divertir o espirito pela educação, do que atrophial-o pelo embrutecimento.

Aqui em Portugal, n'este — sob todos os aspectos — privilegiado Paiz, onde a Natureza é fertil em todas as suas expressões; onde ha lindas paysagens, preciosissimas obras d'arte, abundante vegetação; paiz que possui aguas medicinaes como nenhum outro; onde a doçura e a suavidade do clima é incomparavel; nação onde os rios cantam e as arvores choram; onde o rouxinol namora a cotovia em sentimentaes trinados d'amor pelas luarentas noites estivaes; tendo praias em que as ondas do mar se transformam em espuma para deleitosamente se roçarem pelos grãositos d'uma areia doirada; aqui, onde ha musica e canções; onde a lua aureolada de todos os maiores esplendores disputa sobrepticamente a belleza das nossas mulheres, e o Sol se veste de galas para nos illuminar; aqui, em Portugal, não ha turismo.

Não ha turismo proprio por falta d'educação; não se attrahe o estrangeiro, pelo mesmo motivo.

Fazer turismo, não é ir, n'uma doída correria d'automovel, almoçar

a Mafra ou a qualquer outro sitio, em companhia d'uns amigos e voltar em seguida; não é passar de caminho pela Batalha, por Thomar, pelo Busaco, por Coimbra, por Cintra, por Belem, etc., etc., sem nada vêr, sem apreciar as obras d'artes que existem e que se acham ligadas á historia: não é ir a Santarem ou a Peniche, visitar uma familia, ou distrahir um dia no gozo d'um passeio a Cascaes, com a mesma facilidade com que — geralmente — se vae a Cacilhas.

Fazer turismo é viajar; mas viajar na intenção de educar e recrear o espirito pelo exame da arte que se encontra no nosso caminho, pela apreciação das bellezas da Natura, pela applicação pratica do nosso estudo. E' ver museus, monumentos, é visitar todos os motivos que encontramos dignos de curiosidade, é estudar os usos e costumes das diversas provincias, é — n'uma palavra — mostrar-se que se é civilisado, que se conhecem as coisas pela tradição e que se procura a realidade. É, ao mesmo tempo, uma fórma incontestavel de levar a civilização, de instruir as regiões que se visitam, de animar a industria e o commercio regionaes; é, ainda um precioso estimulo para a acção dos povos, na sua cultura intelectual; no ordenamento da sua vida, no incitamento para o engrandecimento das bellezas proprias e destinadas á admiração e ao estudo; é enfim, um dos factores primordiales da existencia d'uma nação.

Pelo turismo proprio, habituamo-nos a atrahir o estrangeiro, proporcionando-lhe todo o bem estar que elle requer para ir a qualquer parte.

Ora, em Portugal, o turismo é o que nós sabemos; o respeito pela tradição é o que conhecemos; e a educação é o que se está vendo a cada passo...

Por consequencia, emquanto não modificarmos, d'uma forma geral, a nossa maneira de sêr, não haverá aqui turismo, por melhores que sejam as boas vontades que n'isso se empenhem.

Não basta haver uma Repartição Official de Turismo, como tambem não é sufficiente a existencia d'uma Revista da especialidade (que — diga-se de passagem, é a unica em Portugal), embora os seus esforços e intuitos sejam muito para applaudir, para ajudar e incitar. Não devemos confiar só na propaganda que a benemerita Associação de Propaganda, faz espalhar pelos continentes. Torna-se necessario, indispensavel e — mesmo inadiavel — ir mais além: á escola do magisterio para que os professores ministrem aos seus discipulos — os educadores de amanhã — uma educação sã, util, pratica e

fecunda, assentes nos princípios d'um futuro engrandecimento. E' forçoso ir já ás escolas secundarias e superiores, e transformar-se os respectivos programmas d'estudo em uma coisa util, pratica, agradável e — sobretudo — patriótica. E' — enfim — refundir todo o nosso methodo educativo.

Só assim se conseguirá modificar gradualmente o nosso character, atavicamente atrophiado por um anachronismo hoje incompreensivel.

D'esta forma poder-se-ha chegar a uma selecção da Sociedade; atingir-

se o mais possivel as proximidades da perfeição.

Mas, enquanto na Provincia os filhos forem educados para doutores... em politica, e, na Capital, para bachareis na *asneira*, não poderemos offerecer ao estrangeiro — que se recreia em viajar, que viaja para estudar e que estuda para a intima satisfação do seu espirito — as *crudelidades* (para não dizer selvagerias) que se observam no nosso Paiz — tido na conta de civilizado.

JOSÉ LISBOA.

ARTE E LITERATURA

A SERRA BEMDITA

DE EÇA DE QUEIROZ

.....
Uma formidavel moça, de enormes peitos que lhe tremiam dentro das ramagens do lenço cruzado, ainda suada e esbrazada do calor da lareira, entrou esmagando o soalho com uma terrina a fumegar. E o Melchior, que seguia erguendo a infusa do vinho, esperava que suas Incelencias lhe perdoassem porque faltara tempo para o caldinho apurar... Jacintho ocupou a sede ancestral — e, durante momentos (de esgazada anciedade para o caseiro excelente) esfregou energeticamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e rescendia. Provou — e levantou para mim, seu camarada de miserias, uns olhos que brilharam, surprehendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: — «Está bom!»

Estava precioso: tinha fígado e tinha moela: o seu perfume enternecia: tres vezes fervorosamente ataquei aquele caldo.

— Também lá volto! exclamava Jacintho com uma convicção imensa. E' que estou com uma fome... Santo Deus! Ha anos que não sinto esta fome.

Foi ele que rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos peites, a rija moça de peitos trementes, que emfim surgiu, mais esbrazada, abalando o sobrado — e pousou sobre a meza uma grande travessa a trsbordar de arroz com favas. Que desconso! Jacintho, em Paris, sempre abominara favas!... Tentou todavia uma garfadinha tímida — e de novo aqueles seus olhos, que o pessimismo enevoára, luziram, procu-

rando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado:

— Optimo!... Ah, d'estas favas, sim! Oh que fava! (Que delicia!

.....
— E o peor não é ainda a enxerga, murmurou ainda com um suspiro. E' que não tenho camisa de dormir, nem chinelas!... E não me posso deitar de camisa engomada.

Por inspiração minha recorremos ao Melchior. De novo esse benemerito providenciou, trazendo a Jacintho, para ele desafogar os pés, uns tamancos — e para embrulhar o corpo uma camisa da comadre, enorme, de estopa, aspera como uma estamemha de penitente, com folhos mais crespos e duros do que lavores de madeira. Para consolar o mea Príncipe lembrei que Platão quando compunha o *Banquete*, Vasco da Gama quando dobrava o Cabo, não dormiam em melhores caires! As enxergas rijas fazem as almas fortes, oh Jacintho!... E só vestido de estamemha que se penetra no Paraizo.

— Tens tu, volveu o meu amigo secamente, alguma coisa que eu leia? Não posso adormecer sem um livro.

Eu? Um livro? Possuía apenas o velho numero do *Jornal do Comercio* que escapára á dispersão dos nossos bens. Rasguei a copiosa folha pelo meio, partilhei com Jacintho fraternalmente. Elle tomou a sua metade, que era a dos anuncios... E quem não viu então Jacintho, senhor de Tormes, acaçapado á borda da enxerga, rente da vela de sebo que se derretia no alqueire, com os pés encafuados nos socos, perdido dentro das asperas pregas e dos rijos folhos da camisa serana, percorrendo n'um pedaço velho

de Gazeta, pensativamente, as partidas dos Paquetes — não pôde saber o que é uma intensa e veridica imagem do Desalento.

Recollido á minha alcova espartana, desabotoava o colete, n'um delicioso cansaço, quando o meu Príncipe ainda me reclamou:

— Zé Fernandes...

— Dize.

— Manda tambem no sacco um abotoador de botas.

Estirado comodamente na rija enxerga murmurei, como sempre murmuro ao penetrar no Somno, que é um primo da Morte, «Deus seja louvado!» Depois tomei a metade do *Jornal do Comercio* que me pertencia.

— Zé Fernandes...

— Que é?

— Também podias meter no sacco pôs dos dentes... E uma lima das unhas... E um romance!

Já a meia Gazeta me escapava das mãos dormentes. Mas da sua alcova, depois de soprar a vela, Jacintho murmurou entre um bocejo:

— Zé Fernandes...

— Hein?

— Escreve para Lisboa, para o Hotel Bragança... Os lençoes ao menos são frescos, cheiram bem, a sadio!

.....
Afortunado Jacintho, na verdade! Agora, entre campos que são teus e aguas que são tão sagradas, colhes enfim a sombra e a paz!

Li ainda outros versos. E, na fadiga das duas horas de egua e calor entre Guiães, irreverentemente adormecia sobre o divino Bucolista — quando me despertou um berro amigo! Era o meu Príncipe. E muito decididamente, depois de me soltar o seu rijo abraço, o comparei a uma planta estiolada, emurchecida na escuridão, entre tapetes e sedas, que, levada para vento e sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a Natureza! Jacintho já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhára um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilava soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resolutivo e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespára. E já não deslisava a mão desencantada sobre a face, — mas batia com ella triumphalmente na coxa. Que sei? Era um Jacintho novissimo. E quasi me asaustava, par eu ter de aprender a

penetrar, n'este novo Príncipe, os modos e as idéas novas.

—Caramba Jacintho, mas então...?

Ele encolheu jovialmente os hombros realargados. E só me soube contar, trilhando soberanamente com os sapatos brancos e cobertos de pó o soalho remendado, que, ao acordar em Tormes, depois de se lavar n'uma dorna, e d'enfiar a minha roupa branca, se sentira de repente como *danviado, desvenvencilhado!* Almoçara uma prada de ovos com chouriço, sublime. Passeara por toda aquela magnificência da serra com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz. Mandara ao Porto comprar uma cama, uns cabides... E ali estava...

—Para todo o verão?

—Não! Mas um mez... Dois mezes! Enquanto houver chouriços, e a agua da fonte, bebida pela telha ou n'uma folha de couve, me souberão divinamente!

Cahi sobre a cadeira de verga, e contemplei, arregalado, quasi esgazado, o meu Príncipe! Ele enrolava n'uma mortalha tabaco picado, tabaco grosso, guardado n'uma malga vidrada. E exclamava:

—Ando ahi pelas terras desde o romper d'alva! Pesquei já hoje quatro frutas magnificas... La em baixo, no Naves, um riachote que se atira pelo vale da Seranda... Temos logo ao jantar essas frutas!

Mas eu, hávido pela historia d'aquela ressurreição:

—Então, não estiveste em Lisboa?... Eu telegraphiei...

—Qual telegrapho! Qual Lisboa! Estive la em cima, ao pé da fonte da Lira, á sombra d'uma grande arvore, *sub tegmine* não sei quê, a ler esse adoravel Virgilio... E tambem a arranjar o meu palacio! Que te parece, Zé Fernandes? Em tres semanas, tudo soalhado, envidraçado, caiado, encaideirado!... Trabalhou a freguezia infera! Até eu pintei, com uma imensa brocha. Viste o comedoiro?

—Não.

—Então vem admirar a beleza na simplicidade, barbaro!

Era a mesma onde nós tanto exaltaramos o arroz com favas—mas muito esfregada, muito caiada, com um rodapé bezuntado d'azul estridente onde advinhei a obra do meu Príncipe. Uma toalha de linho de Guimarães cobria a mesa, com as franjas roçando o soalho. No fundo dos pratos de louça forte reluzia um galo amarelo. Era o mesmo galo e a mesma louça em que na nossa casa, em Guiães, se servem os feijões dos cavadores.

(Da Cidade e as Servas)

UMA RECLAMAÇÃO DIGNA DE SER ATENDIDA

TODA a gente sabe, quanto dificulta a viagem a um determinado ponto longinquo, a falta de comboios rapidos, e ainda a só existencia de comboios nocturnos, que obriga á perda da noite e por isso a vontade de não fazer tal viagem, embora ela seja necessaria. Os comboios rapidos fizeram-se para encurtar as grandes distancias e não para o prazer das curtas viagens de uma estação a outra, apenas separado por uma dezena de kilometros. Mas o que é certo é que na nossa terra, são pouco aproveitados taes comboios pelas entidades que mais reclamam, e com justificado direito, a sua existencia. Toda a gente, (e nós fomos d'elles) reclamou a ligação do rapido que sae de Lisboa pela manhã, Faro o norte, com toda a linha da Beira Alta; e esta companhia via bem essa necessidade, mas mil e uma difficuldades lhe tolhiam os desejos, até agora que com grandes sacrificios conseguiu tão desejado melhoramento, fazendo um excelente comboio rapido de Pampilhosa a Vilar Formoso, com uma marcha superior á do *Sud-Express*, facto esse noticiado. no penultimo numero da nossa revista.

Estava naturalmente indicado que as carreiras de diligencias que se fazem para a linha da Beira Alta, esperassem por esse comboio, que permitiria aos seus passageiros, sahir de Lisboa ás 8.30 da manhã e chegar de tarde ás localidades, mas não aconteceu assim, a *ronceirice nacional* agarrou-se á rotina e continuou na mesma.

Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhal, d'onde nos escrevem, está n'este caso pois tem o seu serviço tal qual ha 20 anos; sem que ninguem procure melhorar, o que custaria pouco.

Exemplifiquemos: o comboio mixto-correio, da Beira Alta chega a Villa Franca das Naves, estação que serve aqueles povos, ás 13.40, e o rapido, 2.14, mais tarde, tendo aquele partido de Lisboa ás 21.35, do dia anterior e este ás 8.30, do proprio dia. Havendo por tanto a seguinte differença, um fazer o trajecto em 17.^h5 e o outro em 7.^h24; muito menos de metade do tempo. Pois a diligencia parte de Vila Franca ás 14 horas, quando se retarda 2 horas a partida, beneficiaria consideravelmente os povos locais, pois levaria os passageiros do rapido e os jornaes do proprio dia. Havendo ainda a acrescentar que o comboio mixto-correio chega, em regra atrasado, retardando portanto a partida da diligencia, o que muitas vezes é com 1 hora de differença do rapido.

Vimos portanto em nome dos povos dos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhal, solicitar do sr. Director Geral dos Correios, se digné dar as suas instruções para que o serviço do correio, para os dois citados concelhos, passe a ser feito pelo rapido, com o que muito ganhará tambem o Turismo, pois toda a gente sabe que a facilidade dos transportes é a base primordial de tão importante industria.

NÓS E A IMPRENSA

VARIOS colegas nossos tem continuado a dirigir-nos os mais rasgados encomios pela orientação da nossa revista, e não só de Lisboa e Porto como da provincia, nos fazem os mais elogiosas referencias, o que nos anima a proseguir com entusiasmo na campanha a que nos propoemos.

D'essas referencias destacaremos uma da «*Gazeta dos Caminhos de Ferro*» a velha revista ferroviaria, uma perfeita autoridade no nosso meio ferroviario e turistico.

«*Revista do Turismo*. — Começou a publicar-se ha pouco este novo quinzenario, dedicado a promover a expansão das viagens, como o seu titulo o indica, completando-o varios artigos litterarios, sobre arte, etc., formando um conjunto interessante.

Estão d'ella já sahidos tres numeros (que recebemos e agradecemos) todos bem redigidos e de uma disposição material cuidada e elegante. Hade por isso agradar ao publico como leitura aprazivel, instructiva, e que mais valor tem, pelas descrições de varios pontos do paiz, de viagens e semelhantes, justamente porque o turismo se exerce agora mais pelas recordações e pela leitura, do que pela effectividade da excursão.»

A «*Gazeta dos Caminhos de Ferro*» e a todos os colegas da imprensa os nossos mais expressivos agradecimentos.

EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança das assignaturas do 1.^o semestre, e por isso rogamos ás pessoas que se dignaram aceitar a nossa revista, satisfaçam a sua importancia para nos evitar trabalho e despesas.

Consideramos assinantes todas as pessoas a quem é enviado este numero, e não o devolverem.

—Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras litterarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.